



Artigo



A Docência Universitária na Agenda de Negócios de Impacto Socioambiental

The University Teaching in the Social-environmental Impact Business Agenda

La Docencia Universitaria en la Agenda Empresarial de Impacto Social y Ambiental

Le Enseignement universitaire dans l'agenda des entreprises à impact social et environnemental

Hugo Pedro Guornik¹

¹ Graduado em Gestão de Políticas Públicas e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão de Políticas Públicas da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Resumo

O ecossistema de Negócios de Impacto Socioambiental (NIS) já se encontra em maturação. Tal fato é, também, resultado de ações junto à academia e docentes universitários, principalmente operacionalizadas por meio do Programa Academia e a Rede Academia do Instituto de Cidadania Empresarial (ICE) a partir do reconhecimento destes enquanto *stakeholders* fundamentais para a perenidade e longevidade dos debates dos NIS. Assim, este artigo objetiva descrever a experiência da docência universitária no tema de Negócios de Impacto Socioambiental, a partir dos docentes que compõem a Rede Academia ICE, verificando os caminhos metodológicos utilizados para abordar em sala de aula um tema emergente. Para tanto, foram entrevistados 5 docentes, de 5 IES diferentes, sendo 3 privadas e 2 públicas. Dentre as conclusões, percebe-se a ampla utilização de metodologias ativas de ensino/aprendizagem, que colocam a centralidade no discente no processo pedagógico e o constante intercâmbio de conhecimentos entre universidade e comunidades vulneráveis, enquanto predicados para entregar o “impacto” ao qual os NIS se referem.

Palavras-Chave: Negócios de Impacto Socioambiental; Ensino; Docentes; Metodologias Ativas; Ensino Universitário.

Abstract

The Social-environmental Impact Business ecosystem is already maturing. This fact is also the result of actions with academia and university professors, mainly operationalized through the Academia Program and the Academia Network of the Instituto de Cidadania Empresarial (ICE), based on their recognition as fundamental stakeholders for the perpetuity and longevity of the impact business debates. Thus, this article aims to describe the experience of university teaching in the theme of "Business with Socio-Environmental Impact", based on the professors who make up the ICE Academia Network, verifying the methodological paths used to address an emerging theme in the classroom. For this purpose, 5 professors from 5 different Higher Education Institutions were interviewed, 3 private and 2 public. Among the conclusions, one can see the wide use of active teaching/learning methodologies, which place the centrality on the student in the pedagogical process and the constant exchange of knowledge between the university and vulnerable communities, as predicates to deliver the “impact” to which the Impact Businesses refer.

Keywords: Social-Environmental Impact Business; Teaching; Professors; Active Methodologies; University Education.

Resumen

El ecosistema de las Empresas de Impacto Social y Ambiental (EISMA) ya está madurando. Este es también el resultado de las acciones emprendidas por la academia y los profesores universitarios, principalmente a través del Programa Academia y de la Red Academia del Instituto de Ciudadanía Empresarial (ICE), que los reconocen como actores fundamentales para la continuidad y longevidad de los debates sobre los SIB. El objetivo de este artículo es describir la experiencia de la docencia universitaria en la asignatura de Negocios de Impacto Social y Ambiental, a partir de los profesores que integran la Red Academia del ICE, comprobando las vías metodológicas utilizadas para abordar una materia emergente en el aula. Para ello, se entrevistó a cinco profesores de cinco IES diferentes, tres privados y dos públicos. Entre las conclusiones destacan el uso generalizado de metodologías activas de enseñanza/aprendizaje, que centran al alumno en el proceso pedagógico y el constante intercambio de conocimientos entre universidades y comunidades vulnerables, como predicados para ofrecer el «impacto» al que se refiere el SNI.

Palabras Clave: Impacto Socioambiental Empresarial; Enseñanza; Profesores; Metodologías Activas; Enseñanza Universitaria.

Resumé

L'écosystème des entreprises à impact social et environnemental est déjà en pleine maturation. Ce fait est également le résultat d'actions avec des universitaires et des professeurs d'université, principalement opérationnalisées par le biais du programme Academia et du réseau universitaire de l'Instituto de Ciudadanía Empresarial (ICE), sur la base de leur reconnaissance en tant qu'acteurs fondamentaux pour la pérennité et la longévité de l'entreprise d'impact. débats. Ainsi, cet article vise à décrire l'expérience de l'enseignement universitaire sur le thème "Entreprise à impact socio-environnemental", en s'appuyant sur les professeurs qui composent le réseau ICE Academia, en vérifiant les pistes méthodologiques utilisées pour aborder un thème émergent en classe. . A cet effet, 5 professeurs de 5 Etablissements d'Enseignement Supérieur différents ont été interviewés, 3 privés et 2 publics. Parmi les conclusions, on peut voir la large utilisation de méthodologies d'enseignement / apprentissage actif, qui placent l'étudiant au centre du processus pédagogique et l'échange constant de connaissances entre l'université et les communautés vulnérables, comme prédicats pour fournir «l'impact» à auxquels se réfèrent les entreprises à impact.

Mots-Clés: Entreprises à Impact Socio-Environnemental; Enseignement; Professeurs; Méthodologies actives; L'enseignement Universitaire.

Introdução

As organizações da sociedade civil têm sido, desde a década de 1990, um referencial para os demais atores em certas agendas, como inclusão social e produtiva, direitos humanos, educação e cultura, assumindo em diversos momentos a liderança no endereçamento de discussões, ações, coalizões etc. que beneficiem o desenvolvimento de determinadas temáticas, seja endereçando os interesses público, privado e/ou seus próprios¹.

Nesse sentido, podem ser encontrados exemplos exitosos da colaboração do terceiro setor e outros atores (da iniciativa privada, governos e instituições de ensino superior) em agendas sociais e ambientais positivas para interesse público e privado. Ainda que existam muitos, dentre os exemplos mais contundentes pode-se citar a experiência do Comunidade Solidária no governo de Fernando Henrique Cardoso na década de 1990 e, mais tarde, a Agenda 2030 dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU).

Para que todas essas agendas adentrassem na esfera do amplo debate público, foi necessário o desenvolvimento de um “ecossistema”, ou seja, um conjunto de atores interdependentes e com papéis específicos que atuam de maneira colaborativa e/ou complementar para viabilizar a alocação de capital intelectual, financeiro e humano em uma agenda comum (Cruz, Quitério & Scretas, 2019:26).

Desta forma, mais recentemente, tem se edificado no cenário internacional (primeiro) e local (depois) o ecossistema de Investimentos de Impacto e Negócios de Impacto Socioambiental, agenda mobilizada a princípio pelo Instituto de Cidadania Empresarial (ICE), organização da sociedade civil que implementou o debate dessa agenda e, desde 2012, vem atuando para que a mesma se tornasse, de fato, um ecossistema.

Contudo, nestes dez anos de desenvolvimento da agenda no Brasil, ainda que muitos avanços tenham sido feitos, há pouco acúmulo teórico sobre o tema. Nesse sentido e reconhecendo a relação *sine qua non* entre a academia e o desenvolvimento de um novo campo de atuação, o ICE estruturou o Programa Academia ICE, iniciativa que visa engajar docentes e, por conseguinte, fortalecer a atuação das Instituições de Ensino Superior (IES) no debate dos Investimentos e Negócios de Impacto (ICE, 2022).

Através dos testemunhos de alguns docentes que compõe a Rede do Academia ICE², é possível constatar que ainda há desafios em abordar na sala de aula, junto com estudantes, um tema que carece de um debate mais amplo e de evidências capazes de instrumentalizar uma abordagem sistemática e amparada em dados científicos para o exercício da docência. Além disso, há a expectativa de que em algum momento se convençione esta agenda junto aos

¹ A lógica do valor compartilhado, onde há o benefício mútuo entre os atores envolvidos em determinadas ações, é um olhar comum que o terceiro setor emprega no seu *modus operandi*.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fR-5jWaTqCE>

currículos tradicionais e em toda a trilha de formação do ensino superior (graduação, pós-graduação e doutorado).

Desta forma, o objetivo deste artigo é descrever a experiência da docência universitária no tema de Negócios de Impacto Socioambiental, a partir dos docentes que compõem a Rede Academia ICE. Especificamente, objetiva verificar os caminhos metodológicos utilizados para abordar em sala de aula um tema emergente.

Para tanto, o artigo divide-se em 5 tópicos, quais sejam: o ecossistema de Negócios de Impacto Socioambiental; metodologia; o programa Academia ICE; análise dos resultados e discussão e; considerações finais

1. O Ecossistemas de Negócios de Impacto Socioambiental

O processo histórico e político que envolve o capitalismo no ocidente, capturou e subverteu a intenção inicial de Smith até que chegasse ao neoliberalismo, forma última do beneficiamento de poucos indivíduos em detrimento da classe trabalhadora, nos termos de Marx (Saad Filho, 2015). Segundo Hart (2019), 2008 foi um ponto de virada para que houvesse, de maneira ampla, o entendimento de que o modelo de capitalismo financeiro dos últimos 40 anos não produziu uma economia inclusiva e sustentável, levando ao colapso ambiental e ao aprofundamento de desigualdades sociais (Mello-Théry, 2022; Mello-Théry e cols., 2022).

Hart (2019) contextualiza e dá o tom do que é a agenda de Negócios de Impacto Socioambiental (NIS), na medida em que recupera a ideia de Adam Smith e David Hume, pais fundadores do sistema de mercado. Conforme aponta o autor, o maior trabalho de Smith foi a *Teoria dos sentimentos morais*, onde utilizou a ideia de ‘mão invisível’, a princípio:

em referência ao instinto humano natural de ‘dividir os frutos do trabalho coletivo’, e não em sua outra mais notória observação, de que a busca pelo autointeresse numa economia de competição de mercado pode ter a consequência não intencional positiva de aumentar a riqueza de todos (Hart, 2019:20).

Para recuperar em alguma medida esse olhar, era necessário todo um ecossistema que fosse capaz de levar a cabo essa nova maneira de se pensar o mercado. Desta forma, Cruz, Quitério & Scretas (2019:25) definem investimentos de impacto como “todos os recursos, públicos e privados, que podem ser direcionados por instrumentos financeiros para organizações, negócios e fundos, comprometidos em gerar impacto social [ou ambiental] mensurável e rentabilidade financeira”. Por sua vez, os negócios de impacto podem ser definidos como “empreendimentos com missão e soluções voltadas para a resolução de problemas sociais e ambientais [e que estão] comprometidos em monitorar seu impacto e gerar resultado financeiro e positivo sustentável” (Cruz, Quitério & Scretas, 2019:26).

Essas duas frentes de uma mesma agenda encontraram eco no Brasil, a princípio, numa organização da sociedade civil (OSC), o Instituto de Cidadania Empresarial (ICE) em meados 2012, a partir da percepção da escassez de recursos (financeiros, humanos, e de conhecimento) para apoiar organizações que se pretendiam enquanto viabilizadores da inovação social para o impacto positivo. Assim, se dá início à reflexão de quais instrumentos e recursos necessários para que a agenda de NIS fizesse morada em território brasileiro, sendo esta a organização responsável pela articulação e liderança.

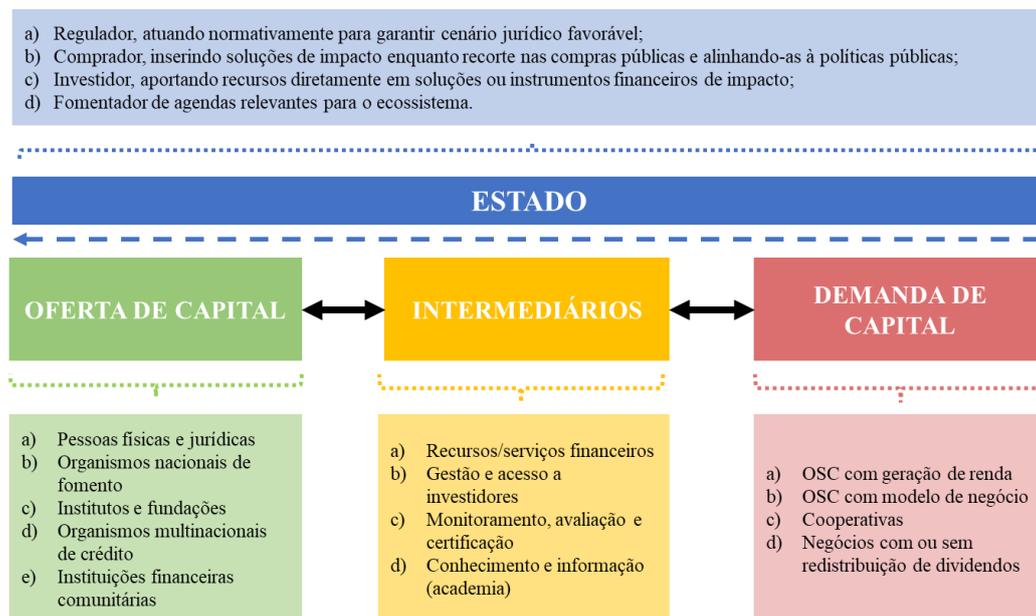
A partir de seu posicionamento público³, é possível atribuir que o ICE parte do pressuposto que para mobilizar recursos para financiar a inovação social (a princípio vinda do terceiro setor), se faz necessária a comprovação do impacto gerado – que é por si só uma dificuldade histórica do terceiro setor, dadas, justamente, as limitações financeiras dessas mesmas organizações em acessar esse tipo de tecnologia (Salimon & Siqueira, 2013). Mais do que isso, o engajamento de recursos privados em agendas de impacto social poderia ser facilitado se a linguagem de endereçamento dessas agendas se desse na lógica do capital, também gerando valor compartilhado no espectro financeiro. Contudo, a geração de lucros em OSC encontra impedimentos pragmáticos e barreiras programáticas, justificando-se, portanto, o investimento em estruturas de negócio.

Segundo a Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto (Aliança pelo Impacto)⁴, para que um negócio de impacto seja considerado como tal, há 4 critérios que precisam ser contemplados simultaneamente: (I) intencionalidade de resolução de um problema social e/ou ambiental; (II) solução de impacto é a atividade principal do negócio; (III) busca de retorno financeiro, operando pela lógica de mercado; e (IV) compromisso com Monitoramento do impacto gerado.

³ Disponível em: <https://ice.org.br/quem-somos/>

⁴ Essa é coalizão idealizada e operacionalizada pelo Instituto de Cidadania Empresarial, composta por diferentes atores, setores e tipos de organizações, representa, no Brasil, o Global Steering Group on Impact Investing (GSG) – uma organização do Reino Unido, que possui a missão de fomentar o ecossistema global de Investimentos e Negócios de Impacto.

Figura I. O ecossistema de Investimentos de Impacto e Negócios de Impacto Socioambiental



Fonte: elaboração própria, com base em Cruz, Quitério & Scretas (2019) e Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto (2017).

Conforme a Figura I demonstra, há quatro categorias de atores que compõe o ecossistema. Este artigo não entrará na seara de cada um e se limitará ao item D dos intermediários, relacionado ao conhecimento e informação, papel que também é atribuído à academia. À luz da tentativa de ressignificação da lógica do mercado a qual os Investimentos e Negócios de Impacto se propõe, a academia tem instrumentos e ferramentas, por meio da docência, pesquisa e extensão, para colaborar na alavancagem da agenda, incidindo diretamente na formação de uma nova geração de profissionais, de diversas áreas de conhecimento, que estejam sensibilizados e mobilizados nessa agenda (Cruz, Quitério & Scretas, 2019).

2. Metodologia

Esta é uma pesquisa exploratória, com dados secundários e primários. Esse tipo de pesquisa é apropriado para situações em que o pesquisador detém pouco conhecimento sobre o objeto de estudo, por tratar-se de um fenômeno novo e pouco coberto por pesquisas prévias. Permite, por sua vez, que estudos futuros sobre a temática formulem suas hipóteses com maior entendimento e precisão, uma vez que o papel de formular questionamentos não cabe nessa classificação de pesquisa (Theodorson & Theodorson, 1970; Acevedo & Nohara, 2013).

Segundo Piovesan e Temporini (1995), geralmente esse tipo de pesquisa é realizada durante a fase de planejamento da pesquisa, uma vez que “tem por finalidade evitar que as

predisposições não fundadas no repertório que se pretende conhecer influam nas percepções do pesquisador e, conseqüentemente, no instrumento de medida” (p. 321).

Para o levantamento de dados secundários, verificou-se nos diretórios institucionais do Instituto de Cidadania Empresarial e Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto, análises, dados e informações referentes a docência do tema de IINSI, entre 2012 e 2022. Para o levantamento de dados primários, realizou-se entrevistas em profundidade, semiestruturadas, com docentes participantes da Rede de professores do Academia ICE, que atuam no tema em diferentes instituições de ensino superior (privadas, públicas federais, públicas estaduais e as comunitárias).

Para o levantamento de dados primários, a abordagem utilizada é a *expert interview* (Bogner, Littig, & Menz, 2009; Libakova; Sertakova, 2015), que objetiva angariar informações e dados de indivíduos e/ou instituições considerados, seja pelo seu histórico, títulos ou outros instrumentos, detentores de profundo conhecimento sobre o tema, o que, a depender do objeto do estudo, dispensa a busca por informações de diferentes fontes ou múltiplos participantes entrevistados.

Outrossim, é importante ressaltar que o autor desse artigo tem, em seu limite, um papel de observador participante (Valladares, 2007), na medida em que desenvolveu seu primeiro estágio de graduação junto ao Programa Academia ICE, em 2016, tendo colaborado para o desenvolvimento do ecossistema de Investimentos de Impacto e Negócios de Impacto Socioambiental a partir do endereçamento de ações no tripé docência, pesquisa e extensão junto à docentes universitários e Instituições de Ensino Superior.

Assim, esse artigo contou com a percepção e contribuição de 5 docentes, de 5 IES diferentes, sendo 3 privadas (Instituto de Ensino e Pesquisa, Universidade Católica de Pernambuco, Universidade do Vale do Rio dos Sinos e a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) e 2 públicas (Universidade de São Paulo e Universidade Federal da Bahia). A escolha desses docentes, além da conveniência, foi orientada a partir dos seguintes critérios:

- A) Docentes advindos de instituições de ensino superior que apresentem estrutura/ações nos três pilares da academia, ou seja, docência, extensão e pesquisa. Especificamente, IES que possuam os seguintes componentes referentes à agenda de NIS: (I) centros, grupos ou laboratórios de pesquisa; (II) espaços de inovação e empreendedorismo e; (III) linhas de pesquisa relacionadas a agenda de NIS. Nesse sentido, o relatório *Monitoramento Academia ICE: Ciclo 5 – Exercício de 2020* (Instituto de Cidadania Empresarial, 2021), considera IES que apresentam estes três pontos enquanto benchmarking – ou seja, 30% das IESs vinculadas a Rede Academia ICE.
- B) Docentes que já lecionaram, em disciplinas específicas ou correlatas, o tema de Negócios de Impacto Socioambiental.
- C) Docentes que estão há 3 anos ou mais junto a Rede Academia ICE;
- D) Tendo em vista que cada tipo de Instituição de Ensino Superior, a depender da sua natureza jurídica, apresenta forças e estruturas distintas o que, por sua vez, gera uma experiência única no desenvolvimento de uma nova temática. Desta forma, no grupo de entrevistados deve existir representações de IES públicas e privadas.

Os entrevistados foram convidados a compartilhar suas visões acerca das (I) contribuições da Rede Academia ICE para o exercício da docência, (II) as motivações para atuarem nessa agenda e as (III) metodologias utilizadas para o ensino. No texto, são referenciados enquanto: *Entrevistado 1 (E.1)*; *Entrevistado 2 (E.2)*; *Entrevistado 3 (E.3)*; *Entrevistado 4 (E.4)* e; *Entrevistado 5 (E.5)*.

3. O Escopo de Discussão

Desde 2013 a atuação do Programa Academia ICE se dá junto à professores doutores que lecionam em Instituições de Ensino Superior (IES) privadas, comunitárias, públicas federais e públicas estaduais, objetivando engajá-los agenda de NIS, uma vez que os compreende enquanto peça-chave na difusão de novos conhecimentos, formação de profissionais e articuladores, tanto em nível local quanto em nível global.

Para tanto, utiliza da linguagem da própria academia, ou seja, a docência, a pesquisa e a extensão universitária, e promove ações das mais variadas, desde a promoção da qualificação dos mesmos nessa agenda, até apoiando pesquisas, premiando trabalhos acadêmicos e reconhecendo boas práticas.

Contemporaneamente há 161 docentes alocados em mais de 70 IES⁵ participantes da Rede, distribuídos nas 5 regiões do Brasil, em 21 estados da federação. De todo modo, para fins da análise, são utilizados os dados do exercício de 2020, apresentados no relatório executivo “Monitoramento Academia ICE: Ciclo 5 – Exercício de 2020” (Instituto de Cidadania Empresarial, 2021).

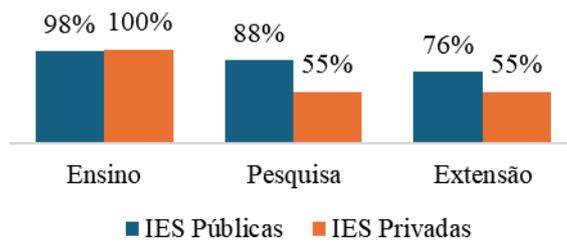
Conforme aponta o último Monitoramento, em 2020 a Rede de docentes contou com 132 professores, dentre os quais 100 foram considerados ativos e 85 responderam a pesquisa apresentada no relatório. Entre 2017, primeira edição do Monitoramento, e 2021, edição publicada mais recente, houve o crescimento de 181% no número de docentes (de 47 para 132 professores) (Instituto de Cidadania Empresarial, 2021). Desde que o Monitoramento é realizado (2017 com dados de 2016), é possível constatar uma taxa de crescimento percentual anual de 36%, o que pode indicar certa perenidade na incidência do Programa na academia brasileira, bem como fornecer pistas sobre a busca pelo tema e crescimento do ecossistema de NIS nessa esfera.

⁵ Contagem feita a partir do mapa disponível em <https://academiaice.org.br/Rede-de-professores/>

4. A Agenda de Ensino

No tripé acadêmico (ensino, pesquisa e extensão), a agenda de ensino da Rede Academia ICE parece aquela onde há mais iniciativas sendo desenvolvidas, além de melhor resultado entre ações planejadas *versus* executadas. Segundo os dados do Monitoramento (Instituto de Cidadania Empresarial, 2021), em 2020 99% dos docentes desenvolveram atividades em ensino. Esta quase unanimidade encontra ponderação quando se isolam instituições públicas e privadas, conforme aponta o Gráfico I – tanto IES públicas quanto privadas tem uma atuação intensa em ensino, o que não se replica em pesquisa e extensão – agendas historicamente desenvolvidas em instituições públicas, em detrimento das privadas.

Gráfico I. Percentual de docentes que realizaram atividades em ensino, pesquisa e extensão nas temáticas de NIS



Fonte: Instituto de Cidadania Empresarial (2021)

A operacionalização da agenda de NIS se dá, muitas vezes, em disciplinas de temas tangentes ou convergentes, das quais destacam-se o empreendedorismo social e a inovação social, ou mesmo aquelas relacionadas a sustentabilidade e responsabilidade social corporativa.

Por meio de vídeo, em 2017 (Instituto de Cidadania Empresarial, 2017), é possível encontrar pistas. Por meio dele é possível inferir que, mesmo os desafios sendo diversos, um deles é mais substancial e impacta todos os outros: o acúmulo teórico. Mesmo que essa agenda beba da fonte de diversos conhecimentos que são discutidos amplamente, como gestão de negócios e economia – inclusive em anos mais recentes, como a sustentabilidade socioambiental –, ainda é necessário que mais pesquisas, de todos os teores, sejam feitas para que exista um corpo de conhecimento mais robusto que possa, por sua vez, impactar positivamente o avanço da agenda em IES.

Segundo os docentes (Instituto de Cidadania Empresarial, 2017), uma das dificuldades advindas desse cenário está na inserção da agenda de NIS no currículo tradicional, obrigatório (e

não somente em disciplinas chamadas “optativas”⁶), tanto em seus anos iniciais (graduação), responsáveis por alicerçar substancialmente a formação intelectual-acadêmica dos indivíduos, quanto em nível de pós-graduação, onde o estímulo a pesquisa é maior e, portanto, incide diretamente no acúmulo teórico das agendas de conhecimento. Simbolicamente, esse tipo de realidade seria um indicativo de amadurecimento do campo.

Mesmo assim, conforme os dados quantitativos do Monitoramento (Instituto de Cidadania Empresarial, 2021), a agenda acadêmica de NIS já não está mais em seus momentos iniciais. A partir do olhar dos docentes, isto pode ser atribuído a “coragem” dos docentes em não se apartar daquilo que ocorre para além muros da universidade e em compreender-se enquanto agentes de mudança (Freitas & Forster, 2016; Instituto de Cidadania Empresarial, 2021), necessária também pelo entendimento de que (I) a superação do capitalismo em si, com os instrumentos e estrutura social que se está posto, não ocorrerá; (II) diante das demandas sociais e ambientais do contemporâneo, frutos do capitalismo predatório, talvez seja então, possível, ressignificar o objeto/formato como os negócios e investimentos operam. Assim, pode-se dizer que os docentes, a partir da sua reflexão sobre o cotidiano, tem recriado (neste caso) a forma como problematizam e abordam o mundo dos negócios e investimentos junto aos discentes (Freire, Gadottu & Nova, 1991).

5. A Participação Discente

Para que este ecossistema se desenvolva e tenha perenidade, para além dos docentes, é fundamental o envolvimento de diversos atores. Em particular, na academia, é necessário o envolvimento dos discentes enquanto coparticipes do processo de construção do conhecimento (Lima & Braga, 2016). O reconhecimento dessa realidade se materializa como o primeiro dentre 8 pontos de alavancagem do ecossistema de NIS para os próximos anos, defendidos por Cruz, Quitério e Scretas (2019) e elaborados a partir de 15 recomendações elaboradas pela Aliança pelo Impacto em 2015 para o avanço do campo até 2020, ou seja. “(...) formar uma nova geração de profissionais já mobilizados para o impacto” (Cruz, Quitério & Scretas, 2019, p. 30).

O Programa Academia ICE atuou durante um tempo considerável de maneira complementar, ainda que não intencional num primeiro momento, à outras iniciativas que buscavam sensibilizar e formar jovens universitários e/ou egressos em agendas de impacto

⁶ Disciplinas de livre escolha, que são oferecidas para, dentre outras razões, oportunizar a personalização do currículo do discentes. Para cada curso, seja ele na graduação ou pós-graduação, há um número de horas que devem ser dedicadas a esse tipo de disciplina.

socioambiental positivo, para que fizessem delas um direcionador para suas carreiras. Dentre as mais exitosas, cita-se o Movimento Choice, fundado pela OSC Artemísia, que formou mais de 800 embaixadores e sensibilizou cerca de 97 mil jovens no tema de NIS.

Outrossim, em 2020 o Programa Academia lançou a iniciativa Jornada de Ensino, em parceria com o Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (CEATS) da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo (FEA-USP). Nessa plataforma online, exclusiva para os docentes vinculados formalmente ao Academia ICE e que atuam em programas de graduação de nível superior, disponibilizam-se conteúdos programáticos e pedagógicos, além de oportunizar um espaço de troca de experiências nos temas de NIS e correlatos/tangentes, como empreendedorismo social e inovação social.

A Jornada em si, tem duração de 3 meses. Contudo, para além de uma ferramenta para a instrumentalização do docente para lecionar os temas de NIS, essa plataforma tem enquanto princípio a construção coletiva, uma vez que os professores participantes articulam e contribuem com conteúdo e métodos de aprendizagem que possam corroborar na co-construção de competências e habilidades junto aos discentes, além de experiências e protótipos metodológicos que já foram operacionalizados em sala de aula (Instituto de Cidadania Empresarial, 2022).

Ainda assim, há particularidades e desafios na construção e compartilhamento de conhecimentos na agenda de NIS que precisam ser consideradas. Segundo a escuta realizada com os professores no Monitoramento (Instituto de Cidadania Empresarial, 2018) e por meio dos relatos em vídeo (Instituto de Cidadania Empresarial, 2017), há a percepção de que os estudantes que estão em cursos relacionados à administração (majoritários no endereçamento da agenda de NIS), têm realidades socioeconômicas divergentes do perfil majoritário atribuído ao empreendedor social.

Conforme o relatório *Report on Social Entrepreneurship* da Global Entrepreneurship Monitor (GEM) (2015), os empreendedores sociais possuem altos nível de educação formal e uma realidade econômica satisfatória, capaz de fomentar a disposição dos mesmos a empreender socialmente (CARNEIRO, 2017). Rossoni, Onozato e Horochovski (2006) já apresentavam essa percepção 9 anos antes ao relatório do GEM (2015). Desta forma, indivíduos que ocupam o espaço das classes socioeconômicas C, D e E, antes de empreender socialmente precisam construir e fortificar uma estrutura particular de ganhos financeiros, possibilitando certo conforto neste aspecto para que, assim, possa se tornar um empreendedor que atua principalmente pelo impacto socioambiental positivo.

Assim, um desafio considerável é suscitar o interesse no tema de NIS nos discentes, de modo que estes se vejam refletidos nesse ecossistema de alguma maneira e se interessem em compô-lo, seja empreendendo ou apoiando negócios de impacto por meio de organizações intermediárias ou financiadoras (Instituto de Cidadania Empresarial, 2017). Na visão freiriana, o meio onde está inserido o educando é o ponto de partida para o processo de ação pedagógica (Mesquida, 2011) e, portanto, acolher estas distintas realidades corrobora na construção do conhecimento com (e não 'para') esses discentes (Freitas & Forster, 2016).

6. As Contribuições da Rede Academia ICE e as Motivações para atuar na agenda de NIS

Enquanto um tema emergente e ainda *“fora do mainstream”* (E.3), há o reconhecimento do importante papel geral desempenhado pela Rede Academia ICE, enquanto acelerador da agenda de NIS – *“(...) eu vejo [a Rede] como uma grande animadora, “que dá bastante suporte”* (E.4). Ainda que em diferentes intensidades, os docentes são uníssomos no enquadramento da Rede enquanto espaço de aprendizado coletivo, particularmente quando há pouco acúmulo teórico e muitas oportunidades de atuação a serem desveladas, conforme o entendimento dos próprios docentes.

Nesse sentido, muitas vezes a existência de uma rede ampla, como Academia ICE, legítima e *“da mais confiança para os professores que estão desbravando”* (E.3) defenderem a institucionalização da agenda, seja em docência, pesquisa ou extensão em suas Instituições de Ensino Superior, *“principalmente para aqueles que estão em universidades menos estruturadas”* (E.3), tanto pelo pouco acúmulo teórico, quanto pela própria natureza da docência *“que é, muitas vezes, um processo solitário”* (E.3).

Para além, essa amplitude da Rede enriquece o compartilhamento de referências e experiências, uma vez que traz consigo as diferentes lentes empíricas que perpassam a prática da docência a partir das particularidades dos diferentes territórios, uma vez que *“o que são Negócios de Impacto Socioambiental para São Paulo, não são para as regiões da floresta amazônica”* (E.3), por exemplo. E a Rede expõe essas especificidades, enriquecendo e amplificando os debates que circundam os NIS e as práticas do tripé acadêmico.

Quando questionados sobre o quê, ou quem os instigou a atuarem no tema de Negócios de Impacto Socioambiental na prática docente, das cinco entrevistas realizadas, apenas uma foi a partir da própria Rede Academia ICE. As outras quatro contribuições dos entrevistados remontam a períodos progressos ao surgimento da Rede Academia ICE e advém da atuação na prática de pesquisa em temas tangenciais ao de NIS.

De alguma forma, os docentes vêm encontrando maneiras de aglutinar temas tangências num mesmo espectro de ensino, isso porque a agenda de NIS é e *“deveria ser”* (E.3; E.5) substancialmente inter e multidisciplinar, tanto no perfil dos docentes que compõe a Rede, quanto nos conhecimentos mobilizados para se pensar o ecossistema de NIS e os negócios *per se*. Pode-se dizer, a partir dos testemunhos, que esta agenda acaba sendo porosa a novos entendimentos e contribuições, à luz dos aspectos ambientais e sociais contemplados na ideia de *“impacto”*.

Não por acaso, do total de disciplinas ministradas por professores da Rede Academia ICE em 2020 (78), a de empreendedorismo social e a de inovação social juntas correspondem a 68%, ao passo que disciplinas específicas de negócios de impacto correspondiam a 26% e investimentos de impacto 5%, respectivamente. A maior recorrência de disciplinas se dá na graduação. Contudo, a partir de 2016 a pós-graduação (19 ao todo), particularmente o mestrado apresentou crescimento constante até 2020 chegando a 13 disciplinas (Instituto de Cidadania Empresarial, 2021).

7. Metodologia Ativa para Docência em NIS

Não é possível “colocar em caixinhas” (E.4) o que são e como construir negócios de impacto (E.3; E.5). A sua natureza de “(...) contracultura ao modelo atual de capitalismo” (E.5) tem, enquanto um de seus alicerces, a noção de “inovação” (E.3). Literalmente, “(...) fazer diferente do que está posto e naturalizado” (E.5). A promoção do impacto positivo no social e no meio ambiente demanda uma leitura de contexto da realidade e imputa o atendimento as demandas e necessidades que estão colocadas na sociedade, e em particular nas comunidades de baixa ou nenhuma renda.

Nesse sentido, a partir das entrevistas, é possível inferir que modelos convencionais de ensino não dão conta do desafio que se tem no ecossistema de NIS, justamente pela relação *sine qua non* entre esse tipo de negócio e o contexto onde se insere ou se pretende inserir – tanto em nível institucional, do negócio em si, quanto pessoal, relacionadas às vivências do empreendedor social.

Deste modo, dos 5 docentes entrevistados, 4 lançam mãos das chamadas metodologias ativas no processo de aprendizagem. Conforme apontam Diesel, Baldez e Martins (2017), no processo educativo tradicional o docente é figura central e as relações de conhecimento são hierarquizadas, limitantes e, muitas vezes, não refletem a realidade extramuros à universidade, ao passo que no método ativo há o processo dialético de tensionamento da naturalidade hegemônica da educação bancária (Diesel, Baldez & Martins, 2017), nos termos de Freire (2015), a partir de interações e diálogos que promovem a construção coletiva do conhecimento entre os sujeitos históricos (Diesel, Baldez & Martins, 2017), tendo o estudante papel central.

Diesel, Baldez e Martins (2017) trazem em seu estudo princípios que compõem metodologias ativas de ensino, quais sejam: aluno no centro do ensino e de aprendizagem; autonomia; reflexão; problematização da realidade; trabalho em equipe; inovação e; professor enquanto figura mediadora, facilitadora e ativadora. Cada um deles perpassa a maneira como a maior parte dos docentes entrevistados endereça o tema de NIS com os discentes.

Dentre os docentes, a maior parte lança mão da abordagem de projetos para suas disciplinas, que dialogam com os desafios contemporâneos impostos às comunidades periféricas e promovem a escuta destes atores, a fim de que o valor entregue pelos estudantes no compartilhamento de conhecimentos impacte positivamente o cotidiano dessas populações. É possível verificar em 4 das 5 entrevistas, cada um dos princípios propostos por Diesel, Baldez e Martins (2017) referentes à metodologia ativa.

Há um entendimento quanto a coerência de colocar o estudante no centro de um processo pedagógico, à luz de um tema que se propõe ao encontro da teoria e da prática. Nesse sentido, grande parte das atividades pedagógicas desafiam os discentes a proporem caminhos e soluções para as comunidades a partir de suas vivências, da escuta das vivências das pessoas das comunidades acessadas pelos mesmos e, também, de outros empreendimentos e empreendedores sociais.

A disciplina é bastante diferenciada porque eu trabalho com a comunidade [e] com os estudantes. (...) É uma metodologia muito dialógica e de co-construção [no] planejamento da disciplina e eu discuto tudo com eles. É bastante aberto.

(...) Durante [o semestre] vão se dividindo em equipes e acompanhando os NIS que selecionamos. São alunos de diversos cursos. (...) Em tudo que fazemos, tentamos envolver os alunos, no máximo de atividades possíveis, e vamos incrementando e implementado as sugestões deles. (E.4)

O olho brilha, quando falamos de lucro e colaborar com as pessoas, (...) levantando questionamentos [junto com os alunos] sobre problemáticas para além dos negócios. (...) Fazemos muitas visitas in loco à NIS, organizações de economia solidária, OSCs etc. (...) A variedade de alunos torna [a disciplina] um intercâmbio de classes sociais. (E.1)

[A] disciplina [que abordamos a agenda de NIS], mais intensiva e de imersão, é uma forma desses alunos conhecer diversos atores, e mostrarmos força desse movimento, desse campo, porque quando você tem uma disciplina que não aborda o main stream, (...) [esses movimentos são] importantes para que o aluno veja que não está sozinho nisso, que não é uma coisa muito [à margem]. Você conhecer os atores, que ajudam numa consolidação, isso aumenta o desse aluno. (E.3)

Ainda assim, há um grande desafio para o docente que se propõe a ter junto dos estudantes um processo pedagógico distinto do convencional. O mesmo serve aos discentes. Ambos acabam imersos no *modus operandi* hegemônico, justamente porque estão contidos dentro de uma estrutura institucional que “*carece de uma mudança de mindset*” (E.5) e, muitas vezes, “*tolhe oportunidades de inovação*” (E.5). Conforme aponta o Entrevistado 5 (E.5):

quando você fala de teoria e pratica, passamos por uma concepção de praxis freiriana, onde não há separação entre uma e outra. Essa é a dialética. Todo agir no mundo é agir a partir de uma leitura. E uma constatação é que, apesar dos alunos se debelarem quando não há alinhamento entre teoria e pratica, [uma vez que] (...) quando só há teoria, há um vazio, eles reclamam quando existe [esse encontro]. Há um gosto de ficar na situação confortável nas relações de conhecimento pautadas no poder hierárquico. (E.5)

Mesmo com um campo frutífero de desafios e oportunidades, a agenda de NIS é interpretada como aliada no processo de desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico dos estudantes, ou, nos termos de Adorno (2000), na emancipação desses indivíduos enquanto sujeitos – nos termos de Freire (2015). Tal fato se dá, conforme dito na introdução desta pesquisa, pela tentativa indireta de resgata de um capitalismo que compartilhe as riquezas que produz (Hart, 2019).

Para E.1, “*a parte mais linda das atividades é ver essa emancipação acontecendo, (...) e ver alunos dizendo o que levam [desse] conhecimento de realidade*”, uma vez que, conforme E.3, “*(...) atuar no campo socioambiental é a oportunidade de você posicionar aquele estudante no papel de agente de mudança, contra um sistema, [sendo] a técnica, secundária*”. Ainda assim, este é, na visão de E.5 apenas uma “*sementinha, [uma vez que] apenas uma disciplina não o faz sozinho*”.

Considerações Finais

O campo de Negócios de Impacto Socioambiental, da maneira como se coloca hoje, tem diferentes abordagens e possibilidades de ações para sua escala e fortalecimento. Ter uma organização do terceiro setor enquanto articuladora da agenda oferece certa legitimidade e passibilidade junto à academia. A inexistência de interesses econômicos vinculados diretamente a organização Instituto de Cidadania Empresarial é convidativa ao exercício do livre-pensar dos docentes, que muitas vezes são cerceados de espaços onde podem, de fato, inovar. E o ICE se coloca, muitas vezes, enquanto essa referencia e possibilidade no espectro dos professores pesquisadores da rede Academia ICE.

A agenda de NIS encontra interseccionalidades com outras agendas de conhecimento, que contribuem e instrumentalizam o pensamento crítico acerca dos caminhos, possibilidades e desafios de disseminação, engajamento e, particularmente, emancipação dos discentes a partir das disciplinas oferecidas pelos docentes.

Porém, mais do que as disciplinas em si, esse cenário é favorecido pela escolha metodológica dos docentes que acabam por privilegiar e abarcar não apenas a agenda de NIS, mas seu ecossistema, práticas e *stakeholders*. Para tanto, a centralidade do discente no processo pedagógico e o constante intercâmbio de conhecimentos entre universidade e comunidades vulneráveis são predcados para entregar o “impacto” ao qual os NIS se referem.

Referências Bibliográficas

- Acevedo, Claudia R., & Nohara, Jordana J. (2013). Como fazer monografias: TCC, dissertações, teses.
- Adorno, Theodor. W. (2000). *Educação e emancipação* (pp. 119-138). Rio de Janeiro: Paz e terra.
- Bogner, Alexander, Littig, Beate., & Menz, Wolfgang. (2009). Introduction: Expert interviews— An introduction to a new methodological debate. Em *Interviewing experts* (pp. 1-13). Londres: Palgrave Macmillan.
- Carneiro, Daniela A. (2017). *Perfil do Empreendedor Social Brasileiro: Estudo Comparativo Entre Brasil e Portugal* (Tese). Instituto Politécnico do Porto, Portugal.
- Cruz, Célia., Quitério, Diogo., & Scretas, Beto. O ecossistema de fomento aos investimentos e negócios de impacto: rompendo fronteiras. Em: Barki, Edgar., Comini, Graziella. M., & da Gama Torres, Haroldo (Org). (2019). *Negócios de impacto socioambiental no Brasil: como empreender, financiar e apoiar*, 19-24. 1ª edição. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- Diesel, Aline., Baldez, Alda L. S., & Martins, Silvana. N. (2017). Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. *Revista Thema*, 14(1), 268-288.
- Freitas, Ana., & Forster, Mari. (2016). Paulo Freire na formação de educadores: contribuições para o desenvolvimento de práticas crítico-reflexivas. *Educar em Revista*, (61), 55-70.
- Freire, Paulo. (1991). *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez.
- Freire, Paulo. (2015). *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e terra.
- Hart, Stuart T. Capitalismo movido por proposito. Em: Barki, Edgar., Comini, Graziella. M., & da Gama Torres, Haroldo. (Org). (2019). *Negócios de impacto socioambiental no Brasil: como empreender, financiar e apoiar*, 19-24. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- Instituto de Cidadania Empresarial (2022). Academia ICE. Acessado em 21 de agosto de 2023, de: <https://ice.org.br/academia-ice/>
- Instituto de Cidadania Empresarial. Jornada de Ensino. >. Acessado em 18 outubro de 2022, de: <https://academiaice.org.br/programas/jornada-de-ensino/>
- Instituto de Cidadania Empresarial. (2021). Monitoramento Academia ICE: Ciclo 5 – Exercício de 2020. Acessado em 21 de agosto de 2023, de: <https://academiaice.org.br/wp-content/uploads/2021/07/Monitoramento-academia-ice-2021-a4.pdf>
- Instituto de Cidadania Empresarial. (2017). Rede de Professores do Programa Academia. Youtube. Acessado em 21 de agosto de 2023, de: <https://www.youtube.com/watch?v=fR-5jWaTqCE>
- Libakova, Natalia M., & Sertakova, Ekaterina A. (2015). The method of expert interview as an effective research procedure of studying the indigenous peoples of the north.
- Lima, Maria S. L., & Braga, Maria M. S. D. C. (2016). Relação ensino-aprendizagem da docência: traços da Pedagogia de Paulo Freire no Ensino Superior. *Educar em Revista*, 71-88.
- Mesquida, Peri. (2011). Paulo Freire e Antonio Gramsci: a filosofia da práxis na ação pedagógica e na educação de educadores. *Revista HISTEDBR On-Line*, 11(43), 32-41.
- Mello-Théry, Neli A. (2022). Políticas Públicas, Factores Determinantes. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 12(1), 1-19. Acessado em 21 de agosto de 2023, de: <https://doi.org/10.11606/rgpp.v12i1.204271>
-

- Mello-Théry, Neli A., Silva, Alessandro Soares da., Caldas, Eduardo de Lima., & Teixeira, Caio Penko. (2022). Models of Urban Governance and Social Movements in Latin America and the Caribbean. Em Jesús M. González-Pérez., Clara Irazábal., & Rubén C. Lois-González. *The Routledge Handbook of Urban Studies in Latin America and the Caribbean*. Nova Iorque: Routledge.
- Rossoni, Luciano., Onozato, Erika., & Horochovski, Rodrigo R. (2006). O Terceiro Setor e o Empreendedorismo Social: explorando as particularidades da atividade empreendedora com finalidade social no Brasil. *XXX Encontro da ANPAD, Anais...*, Salvador.
- Paiva, Marlla., Parente, José., Brandão, Israel., & Queiroz, Ana. (2016). Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa. *SANARE. Revista de Políticas Públicas*, 15(2), 145-153.
- Saad Filho, Alfredo. (2015). Neoliberalismo: Uma análise marxista. *Marx e o Marxismo - Revista do NIEP-Marx*, 3(4), 58-72.
- Theodorson, George A., & Theodorson, Achilles G. (1969). A modern dictionary of sociology.
- Trebucq, Didier. (2018). Prefácio. Em Comini, Graziella M. & Guornik, Hugo P. *Gestão do conhecimento no ecossistema de Negócios de Impacto no Brasil*. PNUD Brasil.
- Valladares, Licia. (2007). Os dez mandamentos da observação participante. *Revista brasileira de ciências sociais*, 22, 153-155.

Recebido em 21/12/2022.
Revisado em 12/10/2023.
Aceito em 21/11/2023.